

Saberes docentes na inclusão de estudantes com necessidades educacionais especiais no curso de Licenciatura em Ciências Biológicas

Teaching knowledge in the inclusion of students with special educational needs in a Biological Science course

Resumo

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que está em andamento. O percurso para se chegar à problemática em estudo iniciou durante o processo de formação inicial, como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID. Neste sentido, surgiu o interesse em investigar: que saberes os alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas possuem acerca da inclusão de alunos com necessidades Educacionais Especiais? Para atingirmos o objetivo de caracterizar quais saberes os professores em formação mobilizam a partir de suas experiências vividas como estudantes, de modo a atender à perspectiva da educação especial. A metodologia desse trabalho foi ancorada numa abordagem qualitativa, tendo como instrumento de coleta de dados a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Os acadêmicos reconheceram que ainda não se sentem aptos para uma sala de aula inclusiva, ao mesmo tempo, problematizaram os seus processos formativos.

Palavras chave: Educação Inclusiva, Formação de Professores, Biologia.

Abstract

This article is the result of a master's research that is under way. The path to reach a research problem was initiated during the initial training process, as a grant recipient of the Institutional Scholarship Program for Initiation to Teaching (PIBID). In this perspective, emerged the interest in investigating: what knowledge the students of the course of Biological Sciences Degree have about the inclusion of students with special educational needs? In order to achieve the objective of characterizing what knowledge the teachers in formation mobilize from their experiences as students, in order to attend the perspective of special education. The methodology of this work was anchored in a qualitative approach, having as instrument of data collection the participant observation and the semi-structured interview. Academics have acknowledged that they still do not feel fit for an inclusive classroom, at the same time, they have problematized their formative processes.

Key words: Inclusive Education, Teacher Training, Biology.

Introdução

Este artigo é fruto de uma pesquisa de mestrado que está em andamento, os percursos para se chegar à problemática em estudo começaram a se constituir durante o processo de formação inicial, como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação a Docência- PIBID, no qual pude vivenciar que diante de inúmeros desafios que os professores enfrentam, o de ensinar um aluno com alguma necessidade educacional especial tem sido o mais complexo e gerado muitas discussões, muitos embates por todos aqueles interessados e responsáveis para a efetividade desse processo.

Refletir sobre essas questões é condição essencial para o desenvolvimento do trabalho docente, pois sabemos que, mesmo diante de tamanha importância de uma formação consistente, percebemos o quanto esses processos formativos baseados em uma prática inclusiva têm representado um desafio para a educação superior, já que muitos professores alegam que não foram preparados para ensinar “a quem supostamente não aprende, não fala, não vê, não ouve, não se move, não desenha, não brinca, não age da forma que aprendemos a reconhecer como normal, típica, adequada [...]” (SOARES, CARVALHO, 2012, p. 71).

Neste sentido, surgiu o interesse em investigar: que saberes os alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas possuem sobre a inclusão de alunos com necessidades Educacionais Especiais?

Assim, o objetivo geral do artigo centrou-se em caracterizar quais saberes têm sido construídos por alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas de modo a atender à perspectiva da educação especial no que tange o processo de ensino e aprendizagem de alunos com necessidades educacionais especiais.

Os passos metodológicos desse trabalho foi ancorado numa abordagem qualitativa, buscando compreender e interpretar as questões que se propõe pesquisar, Minayo (2011, p. 21-2) enfatiza que a pesquisa qualitativa “trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”.

O *locus da pesquisa* foi a Escola Normal Superior da Universidade do Estado do Amazonas. Os *sujeitos* foram doze graduandos do oitavo período do curso de licenciatura em Ciências Biológicas, em que por meio da observação participante, pela entrevista semi-estruturada e por ser a turma em que a pesquisadora realiza seu estágio docência permitiu caracterizar quais saberes os professores em formação mobilizaram a partir de suas experiências vividas como estudantes, das teorias que embasam suas compreensões sobre o que é ensinar e aprender, além das habilidades que aprendeu e aprende no seu desenvolvimento ao longo do curso de licenciatura que escolheu.

Formação Docente na Perspectiva da Inclusão de Alunos com Necessidades Educacionais Especiais

Texto Braga (2012) diz que é preciso discutir amplamente a formação dos professores para a inclusão da diversidade de alunos presentes no ambiente escolar. Os docentes devem estar preparados para enfrentar essa realidade. Para isso é preciso que no seu processo de formação reflita sobre o exercício de sua prática futura, tendo a escola como instituição parceira de seus processos formativos.

Por outro lado, é importante frisar que ter professores preparados para a inclusão requer primeiramente que as instituições de ensino superior efetivem práticas e ações pedagógicas

que permitam o diálogo desses futuros profissionais para uma perspectiva inclusiva com as propostas de inclusão.

Por isso, é importante que ainda em processo de formação o professor dialogue os conhecimentos teóricos com a realidade das escolas, para que quando chegue à mesma não se utilize do discurso esvaziado de que teoria é uma coisa e a prática é outra. Nos dizeres de Tardif (2012, p. 241) “na formação de professores, ensinam-se teorias [...] que foram concebidas, a maioria das vezes, sem nenhum tipo de relação com o ensino nem com as realidades cotidianas do ofício de professor”.

Nóvoa nos faz refletir o quanto é importante conhecermos a realidade das escolas e dos alunos ainda em processo de formação:

É evidente que a Universidade tem um papel importante a desempenhar na formação de professores. Por razões de prestígio, de sustentação científica, de produção cultural. Mas a bagagem essencial de um professor adquire-se na escola, através da experiência e da reflexão sobre a experiência. (NÓVOA, 2003, p. 5)

Por isso, faz-se necessário que a universidade proporcione ao professor uma formação de qualidade no sentido de superarmos os desafios colocados para a educação inclusiva. Neste sentido, Lima (2008, p. 137) discute que “a formação do professor precisa ser redimensionada [...] o professor que saia pronto para exercer sua função agora precisa de mais conhecimentos [...] sobre o trabalho, sobre o trabalho escolar e sobre si mesmo”.

No processo de ensinar alguém “não há respostas prontas e acabadas, mas sim pistas [...] que anunciam um ser professor formador com que se comprometa com uma docência [...] crítica e cientificamente rigorosa, eticamente transformadora e provocativa de aprendizagens significativas [...]” (BATISTA, 2008, p. 7).

Os saberes dos alunos do curso de Licenciatura em Ciências Biológicas sobre necessidades educacionais especiais

Vamos analisar e discutir os resultados preliminares do estudo a partir dos objetivos da pesquisa, tendo como dados as observações realizadas em sala de aula, articuladas com os trechos das falas de alguns dos estudantes de graduação que coletamos por meio da entrevista semiestruturada, a qual constitui os primeiros olhares da pesquisa.

Iniciamos perguntando que saberes ao longo da formação inicial eles aprenderam a respeito da inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais. Na tabela 01, percebemos que os acadêmicos tratam sobre educação inclusiva nas disciplinas pedagógicas, no entanto, consideraram muito superficial o que aprenderam.

Fala dos entrevistados	
Graduando 01	“Ao longo do curso recebemos poucas informações para o trabalho com algum aluno com necessidades educacionais especiais que não sejam vindas das disciplinas de psicologia, libras e estágios”.
Graduando 02	Sim, alunos portadores de necessidades e síndromes especiais, psicologia da aprendizagem. No entanto, apenas o básico sobre o assunto, muito sucinto para uma formação”.

Graduando 03	“Sim, professora de psicologia da aprendizagem no decorrer da disciplina e também no projeto de extensão assistência à docência do LEPETE, onde obtemos formações no decorrer do desenvolvimento do projeto”.
Graduando 04	“Sim nas aulas de libras o professor instruiu”.

Tabela. 1. Conhecimentos dos professores em formação sobre necessidades educacionais especiais

Nessa perspectiva, Soares e Carvalho (2012) defendem que, quando falamos em inclusão de alunos com deficiência, estamos nos referindo à educação num contexto mais amplo e que os conhecimentos sobre tal questão constituem sensibilidades, que servem de base para que os professores criem as condições essenciais para que possam se relacionar com os alunos com deficiência ou não. E, para isso, é preciso que todos os professores formadores estejam envolvidos nesse processo e não apenas os de algumas disciplinas como os acadêmicos relatam. Segundo Borges (2004, p. 35), neste novo modelo de formação,

[...] a questão dos saberes dos docentes emerge tendo em conta as ações e o contexto no qual os professores intervêm. Seus saberes ultrapassam as fronteiras de um modelo de formação disciplinar e de pesquisa educacional, dissociados da prática. A prática é ela mesma vista como um espaço de edificações de saberes e competências. Além disso, os próprios docentes são conclamados a assumir, através da formação contínua, a constante atualização dos seus saberes[...]

A importância do envolvimento coletivo ocorre justamente no sentido de criar espaços que possibilitem esse professores a discutirem o que venha ser a educação pensada para inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais e como ela pode ser feita. Orrú (2017, p. 63) acrescenta que

a inclusão aproxima os desiguais e se constitui em suas próprias diferenças que se diferenciam em multiplicidade. A inclusão não incita a divisão por classes organizadas a partir da psicometria, nem segrega em um espaço à parte da instituição de ensino outros categorizados como biopoder, muito menos admite exclusão em locais feito somente para os excluídos. A inclusão é um movimento contrário a todas as formas de apartheid.

Frente a esse desafio, urge a necessidade de romper com os velhos paradigmas de uma educação padronizada e com a visão homogênea de alunos. Indagamos aos futuros professores se eles acreditavam que o profissional formado em Licenciatura em Ciências Biológicas teria condições teóricas e práticas para lidar com uma sala inclusiva. Os acadêmicos reconhecem que ainda não se sentem aptos e, ao mesmo tempo, problematizam a maneira como os seus processos formativos vêm ocorrendo (Tabela 2). Nas falas desses docentes em formação, evidenciamos o desafio que é posto quando o assunto é ensinar um aluno com alguma necessidade educacional especial, como saber se o aluno aprendeu e mais, como vai ensinar um conteúdo, por exemplo, de botânica.

Fala dos entrevistados

Graduando 04	“Geralmente abordamos esse assunto em disciplinas de psicologia, libras e estágio, porém mesmo essas disciplinas ficam a desejar ao falar sobre as práticas de aprendizado voltado para alunos com alguma necessidade especial. Não me sinto apto a trabalhar em uma sala inclusiva. Devido ter poucas informações, poucas práticas em relação a educação inclusiva”.
Graduando 05	“Não me sinto apta para tal função. O curso apesar de ser licenciatura não oferece esse tipo de capacitação e tem bastante disciplinas para o Bacharelado”.
Graduando 06	“Não, haja vista a necessidade de reformular a grade curricular, para assim incluir as matérias que contemplem a importância de uma aula inclusiva, bem como técnicas adequadas para alcançar este público, que se encontra dentro das escolas, mas que por falta de preparo ou até mesmo interesse é deixado de lado”
Graduando 07	“Não me sinto preparado para receber um aluno com necessidade educacional especial. O curso só apresenta o curso de libras que é voltado só para um tipo de necessidade, portanto não abrange sobre a educação inclusiva, caso esse profissional tenha essa situação ele será obrigado a correr atrás de uma formação adequada”

Tabela 2. Saberes sobre necessidades educacionais especiais nas disciplinas do curso de Ciências Biológicas

Orlanda; Santos (2013, p.08), acrescentam que “o professor não precisa aprofundar-se a respeito das deficiências [...] Mas é necessário que tenham um conhecimento considerável sobre a necessidade do seu aluno deficiente, [...] cabe ao professor planejar metodologias [...] e proporcionar o desenvolvimento do seu aluno”.

Nesse viés, Glat (1998) afirma que a educação inclusiva é uma utopia, e, como utopia, está dotada de afetividade que a torna atraente e deve ser perseguida, no entanto, a autora alerta que os responsáveis da educação devem ter cuidado para não produzirem mudanças estruturais radicais no sistema educacionais baseados em experiências mínimas, em modelos de outras realidades e em arroubos ideológicos. Indica ainda a necessidade de um rigoroso acompanhamento e avaliação permanente dos projetos de educação inclusiva a fim de reproduzir os projetos bem-sucedidos e readequar os que não atingiram os objetivos.

No entanto, Fonseca e Santos (2010) dizem que, nesse ponto, entra um questionamento muito importante sobre o que é real e o que pode ser quase utópico, mediante a realidade de nosso sistema educacional:

[...] Metaforicamente, é como se quiséssemos colher os frutos sem antes cuidar da terra, escolher cuidadosamente a semente, respeitando as estações e o tempo certo [...] A Inclusão no processo ensino-aprendizagem só pode ser viável enquanto fruto e não como “terra” ou “arado”. Ela só poderá acontecer, realmente, quando aquele que tem a função de plantar, ou seja, o professor e toda a equipe que faz parte do funcionamento da escola; isso considerando desde a direção até o servente, incorporarem novas atitudes ao lidar com a diferença, aceitando-a, estabelecendo novas formas de diálogo, de relação afetiva, de escuta e de compreensão, suspendendo “antigos” juízos de valor eivados de pena, de repulsa e de descrença. (FONSECA; SANTOS, 2010, p. 3)

A partir disso, dialogamos sobre quais saberes consideramos necessários para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos com necessidades educacionais especiais (Tabela 03). Nas falas, observamos que os graduandos sinalizam a importância que as disciplinas pedagógicas têm nesse processo e acrescentam outros elementos que constituem o fazer docente, como planejamento, inserção do docente na vivência desses alunos e saber como um aluno que tem uma necessidade educacional especial pode aprender determinado conteúdo.

Fala dos entrevistados	
Graduando 09	“Conhecer as necessidades, mas com ênfase em psicopedagogia e métodos de ensino voltado para o público”
Graduando 10	“Saber o grau da necessidade para este aluno não ser apenas inseridos, mas possa aprender com condições adequadas”.
Graduando 11	“Entender como o aluno aprende (psicologia da aprendizagem), psicomotricidade, didática, experiência em sala de aula. Também aulas sobre as capacidades de cada aluno que detém uma necessidade educacional especial”.
Graduando 12	“A construção de um plano bem elaborado. Uma prática autoavaliativa para melhoria dos processos metodológicos propiciando uma boa aprendizagem”.

Tabela 2. Saberes sobre necessidades educacionais especiais nas disciplinas do curso de Ciências Biológicas.

Orrú (2017, p. 66) amplia esse olhar sobre a necessidade de oportunizar aos alunos espaços de aprendizagem plurais em todos os sentidos, pois a inclusão demanda “a combinação de diversos domínios de conhecimentos sem a supervalorização de alguns em detrimento de outros, de modo a não prestigiar nenhuma potencialidade, pois os sujeitos são diferentes [...]demanda a mistura e re-invenção de metodologias”.

Considerações Finais

A formação inicial numa perspectiva inclusiva é um movimento necessário, tendo em vista a diversidade de sujeitos que compõe o universo escolar, no entanto esses processos formativos nas universidades tem sido fragmentado, o que acaba colocando as disciplinas pedagógicas a responsabilidade de tratar desses assuntos. Por isso, acreditamos que é preciso que os professores formadores de todas as disciplinas dialoguem mais no sentido oportunizar aos alunos da graduação espaços de construção teórica e prática de como ensinar o aluno com alguma necessidade educacional especial.

Agradecimentos e apoios

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior- CAPES

Referências

- BATISTA, S.H.S.S. Formação de professores e aprendizagens: tecendo encontros. **Revista@mbienteeducação**, São Paulo, v.1, n. 1, jan./jul. 2008.
- BORGES, Cecília M. F. **O professor da educação básica e seus saberes profissionais**. Araraquara: JM, 2004.

BRAGA, Gisella Vieira. Um estudo sobre política de inclusão de alunos com necessidades especiais no ensino superior. In MATOS, Maria Almerinda de Souza (org.). **Educação especial, políticas públicas e inclusão: desafios da prática e contribuições da pesquisa no NEPPD/FACED/UFAM**. Manaus: Vitória, 2012.

FONSECA, Flaviano; SANTOS, Jorgenaldo. Novo paradigma para a educação especial: algumas reflexões e desafios. In: V Congresso Norte-Nordeste de Pesquisa e Inovação, 2010, Maceió-Alagoas. **Anais Eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.congressos.ifal.edu.br/index.php/connepi/CONNEPI2010/paper/viewFile/740/432>>. Acesso em 20 mai. 2018.

GLAT, Rosana. **Inclusão total: mais uma utopia?** Revista Integração, n. 20, p.26-8, 1998.

LIMA, Ana Carla Ramalho Evangelista. Caminhos da aprendizagem da docência: os dilemas profissionais dos professores iniciantes. In: VEIGA, Ilma Passos; D'ÁVILA, Cristina Maria (orgs.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas, SP: Papirus, 2008.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar: o que é? Por quê? Como Fazer?** São Paulo: Moderna, 2006.p.39-59.

NÓVOA, António. **Novas disposições dos professores: A escola como lugar da formação; Adaptação de uma conferência proferida no II Congresso de Educação do Marista de Salvador (Baía, Brasil), em Julho de 2003**. Disponível em: <http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/685/1/21205_ce.pdf>. Acesso em: 15 ago. 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ORRÚ, Silvia Ester. O re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

ORLANDA, Taís Mendonça Tenório. SANTOS, Juliano Ciebre. **Metodologias utilizadas pelos professores do ensino regular para promover a aprendizagem dos alunos com deficiência**. 2013. Disponível em: <faflor.com.br/revistas/nativa/index.php/revistanativa/article/.../137/pdf>. Acesso em: 16 mai. 2018.

STELII, Maria Norma Magalhães. Política de Formação Continuada de Professores: possibilidades de uma prática inclusiva. In: Maria Almerinda de Souza Matos (Org.). **Educação Especial, políticas públicas e inclusão: desafios da prática e contribuições da pesquisa no NEPPD-FACED-UFAM**. Manaus: Vitória, 2012

SOARES, Maria Aparecida Leite; CARVALHO, Maria de Fatima. **O professor e o aluno com deficiência**. São Paulo: Cortez, 2012

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 13. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.